

PROCESSOS DE CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA NA TELEVISÃO: A CONSTRUÇÃO DOS ESTERÓTIPOS NOS TELEJORNALIS

Resumen

El presente ensayo analiza el contenido televisivo presentado a la población pobre de las periferias brasileiras. Se refiere a la forma como las poblaciones más desfavorecidas consumen los contenidos producidos por los medios de comunicación, específicamente la televisión, y la imagen vehiculada por los mismos. Se han observado los siguientes aspectos: criminalización del ciudadano y del espacio; construcción de una imagen distorsionada, caricaturizada y prejuiciosa de estos individuos; exploración de la pobreza y de la miseria de la población oprimida y excluida socialmente; banalización de la vida a través de la vehiculización masiva de muertes en los sitios referidos. Como perspectiva futura, el artículo busca no solo mostrar como estos elementos están puestos actualmente en los medios, sino también explorar la realidad de estas comunidades, bajo una perspectiva sociológica desprovista de los prejuicios difundidos por los medios sobre la sociedad.

Palabras clave

Sensacionalismo, pobreza, televisión, Sociedad de masas, Simulacro.

Resumo

O presente ensaio analisa o conteúdo televisivo voltado para a população pobre das periferias brasileiras. Trata da forma como as populações ocupantes das classes mais desfavorecidas consomem os conteúdos produzidos pelos meios de comunicação, em específico a televisão, com relação a sua imagem veiculada pelos mesmos. São observados os seguintes aspectos: criminalização do cidadão e do espaço; construção da imagem distorcida, caricata e preconceituosa desses indivíduos; exploração da pobreza e da miséria da população oprimida e excluída socialmente; banalização da vida através da veiculação maciça de mortes no referidos locais. Como perspectiva futura, o artigo busca não só mostrar como estes elementos estão postos atualmente na mídia como também expor a realidade dessas comunidades, sob o olhar sociológico, despido dos preconceitos difundidos pela mídia sobre a sociedade.

Palavras chave

Sensacionalismo, pobreza, televisão, Sociedade de massa, Simulacro.

Abstract

This essay analyzes the television content given to poor population of the Brazilian peripheries. The theme is the way in which populations of the less favored classes consume the content produced by the mass media, specifically television, in relation with their images as vehicled by these media. The following aspects are observed; criminalization of the citizen and of the space; construction of a distorted, caricaturized and prejudiced image of these individuals; exploration of socially excluded and oppressed population's poverty and misery; banalization of life though the massive vehiculization of deaths in the referred places. As a future perspective the article tries not only to show how these elements are put currently in the media but also to expose the reality of these communities, under a sociological perspective, without the prejudice broadcasted by the media about the society.

Keywords

Sensationalism, poverty, television, mass society, simulation.

Résumé

Cet papier analyse le contenu de la télévision donnée à la population pauvre des périphéries brésiliennes. La thématique aborde la forme comme la population appartenant aux clases le plus défavorisés consomme les contenues produites pour les moyens de communication, spécialement la télévision, en relation avec son propre image véhiculé par le médias. Nous abordons les aspects suivantes : criminalisation des citoyennes et des lieux, constructions des images déformés, caricaturés et préjugés des ces individus, exploration de la pauvreté et la misère de la population opprimée et exclue socialement, banalisation de la vie a travers de la vehicularisation massive des mortes dans les lieux mentionnés. Comme une perspective future, l'article cherche pas seulement à montrer comme ses éléments sont présentés dans les médias mais aussi comme ils expriment la réalité des communautés, dans une perspective sociologique, en sortant des préjugés diffusés par les médias sur la société.

Mots clés

Sensationnalisme, pauvreté, télévision, société de masse, simulation.

novaet**vetera**

autor

Lucas Eduardo Dantas,
Especialista en Gerencia Social
de la Escuela Superior de Administración Pública.

Acadêmico do 8.º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), membro do Núcleo do Estudos em Trabalho, Política e Sociedade (NETPS), do Núcleo de Estudos em Comunicação, Cultura e Sociedade (Neccsos) e do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo (NPJOR)

Dirección postal: Escuela Superior de Administración Pública.
Carrera 44 n.º 53 37, CAN. Bogotá, D.C. Colombia.

Correo-e: lucasvlfsa@gmail.com

Introdução

Debater sobre problemas sociais nunca foi uma tarefa fácil. Muito menos traçar análises sobre os fatos, acontecimentos e estruturas que compõe qualquer mal-estar social. A sociedade capitalista vigente em nosso sistema social há alguns séculos contribuiu para que, cada vez mais, a desigualdade social e econômica aumentasse, gerando assim uma acentuação na diferença entre as classes da sociedade. Como em todo sistema baseado na exploração do indivíduo, alguém tem que sair perdendo. Esse alguém se caracteriza em boa parte dos cenários como o cidadão pobre, que vende sua força de trabalho em troca de um salário para sobreviver.

Partindo de outra ótica, mais recentemente, outra classe de pobres veio a surgir em nossa sociedade, em especial no Brasil. Com o fim do regime de escravidão sobre os negros, essa população estava agora entregue ao meio social, tendo sua imagem sobrecarregada de preconceitos alimentados pela elite branca conservadora que dominava o país e consequentemente, o seu setor financeiro.

O objetivo deste artigo é demonstrar, em um primeiro momento, como estes indivíduos, ao longo do processo de interação social com o meio, e passíveis às mudanças socioeconômicas e estruturais da sociedade, vieram a se tornar, nos tempos atuais, um grupo ocupante dos guetos das grandes cidades, denominado também (as vezes de forma pejorativa) de “favelados” ou moradores da favela. E como estes espaços à margem da sociedade vieram a se construir e a carregar os preconceitos e estigmas que estão sempre ligados à sua imagem.

Passado este momento de resgate histórico e discussões a respeito do local, demonstrar-se-á a influência que os meios de comunicação - em específico a televisão - possuem sobre esses indivíduos, analisando o modelo de programação (Gênero, enquadramento, discurso, direcionamento) veiculada para atingir essa fatia da população.

Por fim, e não menos obstante, um estudo sobre os efeitos causados sobre a população da favela, que segundo Dantas (2012) tem esse tipo de programação como os tipos mais assistidos. E a partir desse postulado, buscar traçar uma análise sobre a formação da identidade desses cidadãos ou talvez sobre a criação de uma persona, uma representação social específica (Goffman, 1985).

Metodologia

Foram realizados estudos teórico-metodológicos relacionados ao assunto pesquisado, assim como a análise de peças audiovisuais voltadas para o cinema (filmes) e para a televisão (telejornais e programas de entretenimento), anteriores a ação em campo. A pesquisa de colheitas de dados em depoimentos em campo foi realizada em 2011, nas comunidades periféricas da cidade de Vitória da Conquista, com questionários de tema específico e gravações de áudio dos entrevistados. As ações foram promovidas pelo NETPS (Núcleo de Estudos em Trabalho, Política e Sociedade) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e publicadas inicialmente em 2012 por Dantas em anais de congresso.

Das senzalas para os morros

Para se entender o que são os guetos brasileiros hoje, temos de fazer um apanhado histórico do processo de formação desses centros de “mal-estares” sociais, compreender os tipos de população que habita essas áreas como estes indivíduos vieram a ocupar tais posições sociais atualmente.

O fim do regime de escravidão no Brasil teve fim no início no fim do século XIX decretado pela então princesa Isabel, filha de D. Pedro II, Imperador do país no referido momento. A lei áurea, como foi denominada, acabava com o regime de escravidão sobre os negros, dando a eles o direito da liberdade como qualquer outro cidadão.

Porém apesar de estarem livres, essa população ainda vivia subjugada aos seus antigos senhores. Passaram de escravos para trabalhadores remunerados, mal remunerados por sinal. Claro que dentro muitos desses antigos escravos não conseguiram empregos, tendo que oferecer sua força de trabalho por um valor muito mais baixo do que os dos trabalhadores assalariados negros, que já não recebiam bem.

Adentraram ao mercado informal: Carregadores, vendedores ambulantes, todos os tipos de empregos primários. Importante salientar também a parcela proveniente deste grupo que, por uma total falta de oportunidade, e por uma questão de sobrevivência, realizavam furtos, roubos e em alguns casos, crimes mais graves.

Com relação a questão de moradia desses trabalhadores, em sua maioria negros, boa parte deles morava em cortiços localizados no centro da cidade. Cortiço é um aglomerado de pequenas casas em um único terreno com uma única saída. Uma espécie de vila, entretanto, com uma estrutura precária, às vezes sem luz, esgoto e água. Com o avanço no crescimento das cidades, essa população também aumentava em número. Nos grandes centros do país, como Rio de Janeiro, a população de negros alforriados se misturava com os migrantes de estados do nordeste do país, que vinham à capital em busca de emprego e novas oportunidades.

A partir de um certo momento, essa população, que crescia cada vez mais e ocupava o centro, começou a incomodar as elites que perto dali também viviam. Por uma questão de desenvolvimento das cidades, as áreas centrais acabavam sofrendo um processo de especulação imobiliária, valorizando por estar perto do comércio local. No Rio de Janeiro, como em todas grandes cidades do país onde, os cortiços eram moradia não regularizadas, sem registro ou escritura de terreno.

Logo, um movimento de desocupação dessas habitações começou a acontecer, os moradores eram expulsos e jogados na rua, sem direito a nenhum tipo de assistência por parte do Estado. Um dos Casos mais famosos da cidade do Rio era o cortiço conhecido como “Cabeça de porco”, um dos maiores do centro carioca:

O episódio da destruição do Cabeça de porco se transformou num dos marcos iniciais, num dos mitos de origem mesmo, de toda forma de conceber a gestão das diferenças sociais na cidade. Vamos Localizar aqui [um dos] pontos fundamentais dessa forma de lidar com a diversidade Urbana. O primeiro é a construção da noção de “Classes pobres” e “Classes perigosas”[...] São duas expressões que denotam, que descrevem basicamente a mesma realidade. (Chalhoub, 1996, p. 14)

Com a expulsão dos negros e pobres das áreas que começavam a se tornar valorizadas, esses indivíduos começa-

ram a ser jogados em áreas desinteressantes para a elite: os morros e as saídas das cidades. Em consequência desse realojamento desordenado ou inexistente, a população pobre começa a ser entulhada (Caetano da Silva, 1999) nesses ambientes afastados do centro, construindo moradias irregulares, uma em cima da outra, de estrutura física muito precária. Viviam (e ainda vivem) amontoados, sem os serviços básicos oferecidos pelo Estado e sem os direitos garantidos por lei.

Lentamente, começam a surgir grandes aglomerados populacionais nesses locais, as Favelas, da mesma forma que estão postas hoje na maioria dos grandes centros urbanos.

Sobre a estrutura das favelas no Rio de Janeiro, Preteceille e Valladares defendem o argumento de que

a) A favela seria o locus “número um” onde reside a população carente da “cidade maravilhosa”; b) Tratar-se-ia de um espaço específico não apenas geográfico como também social, que vem engrossando a “cidade ilegal”; e c) Tal espaço corresponderia a um universo homogêneo, marcado pela irregularidade na ocupação do solo e precariedade em termos de serviços públicos e equipamentos urbanos. (Preteceille y Valladares, 1999)

Segundo Guimarães (1953), o conceito oficial considerou como favelas os aglomerados humanos que possuísem, total ou parcialmente as seguintes características: a) Proporções mínimas: Agrupamentos prediais ou residenciais formados com unidade de número geralmente superior a 50; b) Tipo de habitação: Predominância de casebres ou barracões de aspecto rústico, construídos principalmente de folhas-de-flandres, chapas zincadas ou materiais semelhantes; c) Condição jurídica da ocupação: construções sem licenciamento e sem fiscalização, em termos de terceiros ou de propriedade desconhecida; d) Melhoramentos públicos: ausência, no todo ou em parte, da rede sanitária, luz, telefone e água encanada; e e) Urbanização: área não-urbanizada, com falta de arruamento, numeração ou emplacamento.

Criminalizar para dominar

O processo criminalizatório das populações mais desfavorecidas se deve, em um primeiro momento por dois motivos superficiais: Dominação social e estabelecimento do discurso conservador das elites, ou discurso da classe dominante.

Esse processo, que é executado pelo Estado, reproduzido pela mídia sobre o imaginário da sociedade nada mais é do que uma medida reducionista de tratar problemas estruturais da sociedade como a desigualdade social e o desemprego, principalmente. Criminalizar o cidadão implica em um processo de desumanização do ser, para que esta circunstância justifique a falta de serviços básicos garantidos pela constituição às pessoas da classe pobre. À respeito disso, Castro diz o seguinte:

Criminalizar o pobre, ou estigmatizá-lo, torna-se mais fácil do que resolver o problema da desigualdade social tão característica no Brasil. Para a sociedade é mais viável culpabilizar a pessoa que mora no bairro periférico do que exigir que o estado garanta seus direitos. (Castro, 2010, pp. 54-55)

Ou seja, a sociedade enxerga o pobre como uma praga a ser extinta, uma patologia social a ser sanada. O Estado tenta culpar o pobre por sua condição social, como se os resultados obtidos no meio em que este reside fosse fruto das decisões tomadas por esta população, que por mais contraditório que seja, não tem escolha. Indo mais fundo na discussão, o pobre morador de favela é o resultado da acentuação da sociedade do capital. A desigualdade social aumenta de acordo com a consolidação do sistema capitalista, mais especificamente o modelo neoliberal adotado pelo Governo brasileiro nas últimas décadas.

O descaso por parte do Estado acabou tornando as favelas territórios de ninguém. Os serviços não eram oferecidos, os cidadãos sub humanizados. A ausência do estado contribuiu para que a criminalidade ocupasse alguns desses locais, andando paralelamente com a sociedade local, mas não necessariamente se juntando (Caetano da Silva, 2007). Esse processo de ocupação das comunidades pobres pelo crime acelerou o processo de criminalização do morador desses locais.

A imagem de antros de criminosos e locais de atividades ilícitas (Dantas, 2012) estava cada vez mais enraizada no imaginário social, estigmatizando os moradores por atividades que talvez nem existissem em sua comunidade. Rocha (2006) afirma o seguinte:

No caso dos moradores de favela, o imaginário social dominante brasileiro interpreta o 'favelado' como um tipo social homogêneo e a favela como um lugar de ausência e caos social. A favela é quase sempre definida pelo que ela não teria: Um lugar sem infraestrutura urbana - água, luz, esgoto, coleta de lixo - sem ruas pavimentadas e bem delimitadas, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regra, sem moral, enfim, o lugar da carência, do vazio, do perigo. (Rocha, 2006, p.11)

A citação faz referência a imagem da favela que foi construída e adotada pelo imaginário coletivo. De predominância elitista, preconceituosa, e com elementos construídos a partir de experiências artificiais, mediadas por terceiros ou até inexistente. Mais adiante a pesquisadora afirma novamente:

Há uma espécie de imaginário preconceituoso, alimentado tanto por aqueles que não querem ser associados à favela quanto pelo poder público, como ainda pelos que lá não moram. (Rocha, 2006, p. 12)

Aqui, a autora exemplifica bem o tema abordado. Mostra de que forma o discurso do dominante acaba recaindo sobre o pensamento do oprimido. Favelado em seu espaço físico e social, mas renega-lhe da própria identidade para se adequar a ideia dos dominantes, ideia essa que se reverbera no discurso midiático.

Tal discurso, reproduzido pelos media, tenta correlacionar a todo tempo a criminalidade com a pobreza como se um fosse fator preponderante do outro. Os argumentos usados variam: desde a tentativa de estigmatizar as moradias dos favelados - afirmando que elas são imorais, poluidoras (visualmente) e perigosas - até as afirmações mais preconceituosas como "bandidos de nascença", defendendo que estes indivíduos já nasceram para o crime e que vão praticá-lo de qualquer jeito. Esse postulado se baseia nas ações que poderiam vir a acontecer justificando os aspectos do meio social, tendo a educação e a cultura como índices definidores da personalidade do sujeito que de acordo com o argumento, nasce com o destino pré-determinado ao crime.

Apresentando um contraponto a tese de que a pobreza é a causa da criminalidade ou do aumento da violência urbana, Misse escreve:

1) Se a pobreza causasse crime, a maioria dos pobres seria criminosa e não é. 2) A esmagadora maioria de presos é de pobres, pretos e desocupados, porque a polícia segue um "roteiro típico" que já associa de antemão à pobreza (ou a marginalidade e também os negros desocupados) com a criminalidade. 3) Os próprios pobres declaram nas pesquisas que não se identificam com qualquer carreira criminal, pois são "trabalhadores honestos". (Misse, 1995, pp. 4-5)

De acordo com o segundo item colocado por Misse, outro fato relevante para que tantos pobres, pretos e desempregados estarem ocupando o sistema carcerário brasileiro é o argumento de que a justiça penal funciona perfeitamente para quem não possui capital financeiro e social. Isto se deve à falta de capital social e financeiro por esses indivíduos de classes mais desfavorecidas.

A favela, vista como ambiente, como o local, carrega uma série de estigma que são criados pelo estado, pela mídia e pela sociedade, mais especificamente as classes dominantes. Interessante analisar que alguns moradores, apesar de serem residentes da favela assumem uma identidade de não reconhecimento com o local, como foi colocado acima. Não sendo isso apenas, esses mesmos moradores acabam contribuindo para reforçar estes estereótipos que são colocados de fora para dentro, e acabam criminalizando o ambiente da mesma forma que um indivíduo não residente no local. Este estigma, que se incorpora sobre o ambiente da favela, no caso, pode ser visto como um "Efeito de Lugar" (Bourdieu, 1997).

O bairro chique, como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, permitindo-lhes participar do capital acumulado pelo conjunto de residentes: ao contrário, o bairro estigmatizado degrada simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos jogos sociais, eles não tem em comum senão sua comum excomunhão. (Bourdieu, 1997, p. 166)

Em consonância com esses discursos dissidentes dentro do próprio meio, devemos observar de onde advém a fonte desse discurso, logo que ele não surge na voz do morador, que executa o papel de reprodutor de um discurso para além dele, e de certa maneira, de origem dominante. Em relação a essa discordância do discurso com a realidade social, Certeau afirma que

Como os indivíduos não sabem, propriamente falando, o que falam, o que fazem tem mais sentido do que sabem. “Douta ignorância”, portanto, habilidade que se desconhece. Com essas “estratégias” regidas pelo lugar, sábias mas que ignoram, está de volta a etnologia mais tradicionalista. Nas reservas insulares onde as observava, ela considera, com efeito, os elementos de uma etnia como coerentes e inconscientes: dois aspectos indissociáveis. Para que a coerência fosse postulado de um saber, do lugar que ele se dava e do modelo de conhecimento ao qual se referia, dever-se-ia colocar esse saber à distância da sociedade objetivada portanto supô-lo estranho e superior ao conhecimento que a sociedade tinha de si mesma. Uma sociedade não poderia ser um sistema a não ser sem sabê-lo. (Certeau, 1994, p. 124)

Os Media em sua generalidade, são os principais responsáveis pela reprodução deste tipo de discurso na voz do morador. A análise que faço é simples, ao mesmo tempo complexa. Existem dois discursos presentes: O discurso alienador, a fonte, ou seja, a transmissão dos media à respeito da criminalidade e da pobreza, e um segundo discurso, justamente este que se apresenta na voz do indivíduo, que é desprovido de pensamento crítico reproduz o mesmo discurso, que agora se comporta como discurso alienado, pois se originou de outra retórica que não a de quem enuncia.

O processo de criminalização da pobreza executado pelos meios de comunicação é um resultado de um discurso já existente, na voz do Estado e da sociedade burguesa. No entanto, a comunicação de massa da aos veículos uma ferramenta que esses dois setores da sociedade não possuem: A difusão massificada, e logo, a formação de uma opinião única em larga escala. Em relação a estigmatização do cidadão pobre, o mito da violência aparece como fonte de argumento e acusação para justificar a cobertura jornalística deste segmento como também para acusar essa parcela da sociedade pelos problemas existentes na infraestrutura social relacionado a segurança, na maioria dos casos.

Os media, como já dizia Marx, é uma ferramenta da burguesia para a manutenção da ordem social. Logo, o pensamento dessa burguesia também é repercutido na maneira em que os jornalistas da imprensa produzem e direcionam o conteúdo por eles produzido, procurando sempre expor esses estigmas e as mazelas sociais em suas reportagens. Champagne (1997), já dizia que o jornalista, ao ir em uma

comunidade pobre periférica, tem um olhar totalmente diferente do sociólogo, pois busca o que está mais latente aos olhos do grande público:

Mesmo se a observação atenta da vida comum nesses subúrbios com seus problemas cotidianos, for mais esclarecedora, a maioria dos jornalistas tendem a se concentrar na violência, o mais espetacular, e por isso, excepcional. A mídia fabrica, assim, para o grande público, que não está diretamente ligado a uma apresentação e uma representação dos processos que enfatizam o extraordinário. (Champagne, 1997, p. 68)

Este tipo de abordagem é comum hoje na maioria das coberturas relacionadas às favelas. A violência, principalmente, estará presente em boa parte desta cobertura, comportando-se como um simulacro, uma distorção da realidade social produzida. A partir daí que o jornalismo sensacionalista se expande, invadindo a privacidade das famílias pobres e espetacularizando a miséria, em busca da audiência.

Sensacionalismo e espetacularização: a miséria em pauta

Deixar que os fatos sejam fatos naturalmente

sem que sejam forjados para acontecer

(*Science*, Chico, Corpo e Alma, 1993)

No Brasil, é comum em diversas regiões do país, a transmissão de programas de baixa qualidade que visam a exposição massiva dos pobres e das mazelas da sociedade de forma preconceituosa, colocada em um formato que de certa maneira, pode ser visto como entretenimento.

Na televisão e no rádio principalmente, esses programas ocupam uma parcela da programação diária para noticiar acontecimentos relacionados a criminalidade, buscando ridicularizar e espetacularizar a pobreza e a miséria desses indivíduos oprimidos socialmente. A cobertura constrói sobre o imaginário social, uma ideia deturpada das periferias, vista a partir da ótica da mídia sensacionalista. Segundo Ramires e Paiva (2002) esses profissionais reconhecem que seus veículos tem grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência.

Antes de partimos para a análise do formato desses programas na televisão, é necessário definir os conceitos de sensacionalismo e estereótipo. Pedroso (2001) define sensacionalismo como uma caracterização pela intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos do contexto de representação e construção do real social.

Com relação ao estereótipo, Kotler caracteriza como “Uma imagem amplamente difundida que é basicamente historicizada e simplista. E onde provoca uma atividade favorável ou desfavorável em relação à localidade” (Kotler, 1994, p. 152).

Na análise dos programas sensacionalistas televisivos, buscamos salientar e frisar os aspectos macro de cada um, na tentativa de traçar uma linha de semelhança entre as produções tele jornalísticas. Dentre os telejornais analisados, os dos estados da Bahia (3), Pernambuco (1), Ceará (2) e São Paulo (1) foram os que apresentam o maior número de semelhanças entre si.

O apresentador do telejornal apresenta os fatos sempre de forma espetacular, usando de repetições seguidas do vídeo. Em alguns momentos torna-se comentarista “especialista” sobre a notícia, emitindo juízo de valor sobre o conteúdo exposto. Alguns casos, este se comporta frente as câmeras como um juiz, pré-julgando o suspeito, estigmatizando e tecendo ofensas graves.

Os temas abordados geralmente giram em torno dos grupos menos favorecidos da sociedade: Pobreza, miséria, carências, abandono do poder público, criminalidade e violência.

A espetacularização e banalização dos fatos visam a todo momento a transformação da notícia em entretenimento. Gerando em segundo momento, um conformismo sobre os acontecimentos por parte de quem assiste.

Em casos específicos de espetacularização da miséria de alguns moradores da favela, a notícia é transformada numa aventura, com elementos estereotipados e preconceitos visando incitar a curiosidade e um falso desejo de justiça sobre o espectador. Ao adentrar a favela nesses ca-

sos, a mídia sempre mostra os acontecimentos a partir da ótica da polícia, logo que acompanha as operações promovidas por esta no respectivo local.

Os acontecimentos escolhidos pelos telejornais sensacionalistas se tratando de violência e criminalidade, tem uma característica quase que geral: Buscam torna-los os mais improváveis, extraordinários e mais bizarros possíveis. Quando não são, em alguns casos, a narrativa é moldada para poder se inserir esses aspectos.

Os conceitos de interesse públicos e interesse do público acabam sendo justificativas para que se divulguem notícias que em sua base, violem a liberdade do indivíduo e os direitos humanos.

Um dado curioso dentro da análise é a questão da alienação do próprio profissional, causado pelo formato da notícia produzida e pela linha editorial do programa. Em uma entrevista com um jornalista desse tipo de jornal, Costa (2007), colheu o seguinte depoimento:

“O sensacionalismo é um lado que prende! até o fundo musical. Eu detesto quando estou trabalhando e o operador não coloca as músicas, os efeitos, [...] Aquilo emociona [...]. A pessoa, o ouvinte viaja no tempo, chora, ri [...]. A mulher foi violentada, o operador de áudio larga o grito: “aii!”, a mulher gritando. Pai levou dois tiros na cabeça, “Pá, Pá!”[...] eu acho fascinante.” José luíz silva, rádio Marajoara.

Esta alienação do profissional se dá, talvez, pelo engessamento do enquadramento das matérias produzidas e de seu direcionamento único e constante: Criminalizar, espetacularizar e entreter o público.

É visível que existe uma espécie de molde onde a notícia é colocada para ser adaptada ao padrão exigido. Como se fosse um espetáculo teatral a ser exibido diariamente, mudam os atores, permanecem os personagens:

Mudam-se os cenários, mas a essência discursiva é a mesma. Estarão presentes sempre o marginal, o bandido, o criminoso, o pervertido, a vítima e seus familiares, os instrumentos do crime, a polícia, as testemunhas, a fala do “povo”, tudo isso envolvido em narrativas que suscitam sentimentos como o medo, revolta, vingança, etc. (Goés, 2013, p. 15)

Ou seja, uma forma para o fato já foi projetada, basta encaixá-lo nos referidos moldes para que ele tome a forma da notícia nesse tipo de meio enviesado do sensacionalismo. Os espaços individuais são invadidos, suas identidades expostas e depois reduzidas a personagens padronizados, são apenas indivíduos comuns que ocuparão lugares marcados na notícia do dia.

Góes também debate sobre a qualidade desses programas e seus efeitos sobre os telespectadores:

Uma sociedade constituída nessas condições produz indivíduos sem referência à sensibilidade humana em razão da repetição cotidiana das cenas de barbárie. A exposição naturalizada e continuada de crimes violências, casos aberrantes praticamente elimina o choque, o poder de reação contra o grotesco, e chega a produzir o riso pelo espetáculo e o envolvimento passional na história, geralmente o desejo externado de vingança, tortura e eliminação contra o “agressor”.

Apesar da baixa qualidade de informação e da reprodução de estereótipo sobre a favela e seus moradores, 65% dos moradores das comunidades pobres de Vitória da Conquista, na Bahia (Dantas, 2012) assistem este tipo de programa, sendo alguns adeptos. Apesar da pesquisa ter sido realizada em apenas uma cidade, outros dados relacionados ao mesmo assunto apresentam a mesma margem de resposta à respeito do gosto televisivo desses moradores (Caetano da Silva, 1999; 2007).

Por serem considerados de uma qualidade baixa, estes programas possuem públicos muito específicos. O telespectador geralmente é o próprio criminalizado, com já foi citado. Para tentar entender tal contradição, dois motivos principais cercam porque essa discrepância acaba acontecendo: a) pela baixa escolaridade e as poucas atividades culturais oferecidas para essas pessoas, o “gosto popular” apresenta uma pobreza na interpretação de elementos complexos presentes em determinados programas, optando por uma programação mais simples e direta, à primeira vista. b) Apesar do agravante dessas pessoas serem os personagens criminalizados pelos programas sensacionalistas - muitas vezes da mesma etnia, classe social e espaço geográfico - estes produtos, em algumas emissoras, se apresentam como os únicos espaços onde esse grupo

de pessoas pode ter visibilidade midiática. Seriam os “15 minutos de fama” do morador da favela, única forma de identificação dele com a televisão.

Porém, uma problemática surge a partir dos estudos de recepção do indivíduo em relação a este tipo de programação: Até onde as imagens veiculadas refletem na identidade do sujeito residente na favela? a construção de sua identidade tem presença constante da mídia, ou que esta monta seria apenas uma persona (Goffman, 1985), um fragmento identitário que se manifesta na mídia e em relação a ela? o debate tenta delimitar até onde o conteúdo midiático reflete na construção da identidade ou persona do indivíduo.

O morador na tela da tv: imagem e semelhança?

Boa parte do conteúdo transmitido pela televisão voltado para a periferia (mas não somente) se trata de telejornais sensacionalistas de viés preconceituoso com relação as pessoas, ao lugar e ao modo de vida dos habitantes das favelas.

Importante analisar que, talvez, a formação da identidade desse indivíduo nos últimos anos teve a mídia como mais um fato de acumulação de experiências, mesmo sendo elas negativas em sua maioria.

Afirmar que a construção dessa identidade seria agora moldada pelos media, seria em primeiro momento um erro, e em segundo um reducionismo à respeito do assunto. Mas, se este morador não tem sua construção identitária baseada por esses programas em geral, que morador será aquele que aparece em frente as câmeras reproduzindo justamente todos os estereótipos a si atribuídos? Erving Goffman (1985) traz um conceito muito importante que talvez encontre uma resposta plausível para esse paradoxo: A persona, objetivada em fachadas, social e pessoal (Goffman, 1985, p. 32).

O autor explica, que o indivíduo residente em sociedade assume várias personalidades, cada uma para um cenário diferente, como se a sociedade fosse um teatro, e todos nós, atores.

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão suscitadas perante eles. [...] Concordando com isso, há um ponto de vista popular de que o indivíduo faz a sua representação e da seu espetáculo para o benefício dos outros. [...] Primeiro há o “cenário”, compreendendo a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e o suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele. (Goffman, 1985, p. 25)

Partindo do seguinte argumento, podemos acrescentar que a fachada pessoal do morador de uma comunidade pobre seria o seu verdadeiro “eu”, a sua persona executada no dia-dia, desprovida de incentivos externos latentes, a vida como ela realmente é, sem supervalorizações de alguns fatores. Com relação a veiculação desse tipo de cotidiano na mídia, muito poucas obras audiovisuais voltadas para TV e para o cinema existem. E por mais “puras” que estas obras tentem ser, reverberam alguns preconceitos intrínsecos aos membros da produção, que não sentem a realidade social do lugar na pele, apenas o veem com o olhar de quem vem de fora.

No entanto, o que mais interessa a mídia e que é externo a esse cidadão pobre, sua fachada social, que ao longo dos anos se transformou a partir da cobertura jornalística sobre a favela. Logo, eles agem como corpo social, falando as mesmas coisas diante da mídia e agindo no moldes que estes desejam, por uma questão de dominação social, que inicialmente parte do poder do Estado e recai sobre o campo midiático. Champagne conta que os dominados socialmente, nesse caso os moradores de favela, estão menos aptos a controlarem sua própria representação social:

Os dominados são os menos aptos a controlar sua própria representação; O espetáculo de sua vida quotidiana não pode ser, para os jornalistas, senão ordinário e sem interesse. Porque eles são desprovidos de cultura, e além disso, incapazes de se exprimir nas formas requeridas pela grande mídia. (Champagne, 1997, p. 68)

Portanto, é preciso compreender que há dois tipos de moradores da periferia: o morador e o personagem da mídia. Claro que esta representação não é algo consciente e proposital, cabe a psicologia analisar esta “personalidade” do morador pobre.

Conclui-se que a produção deste tipo de programa, apesar de ter uma aceitação massiva nas comunidades pobres, não tem este tipo de público como alvo principal. A favela e os favelados, respectivamente, são apenas o combustível propulsor para a existência deste tipo de cobertura.

Considerações finais

Ao longo deste ensaio construiu-se uma trajetória para discutir um pouco mais sobre o processo de criminalização da pobreza no Brasil, como também analisar como a mídia compôs este processo. O estudo do conteúdo telejornalístico sensacionalista, contribuiu para expor alguns estigmas e preconceitos além de responder algumas perguntas existentes a respeito do tema.

Analisar, *a posteriori*, o conteúdo voltado desses telejornais voltados para o público pobre e em consequência disso, seus possíveis efeitos sobre as identidades desse cidadão, explicitado em seguida, o papel das representações sociais envolvidas dentro desta estrutura.

Porém, algumas obras cinematográficas remam contra essa maré de preconceitos e tentam dar visibilidade ao outro lado da favela, que não seja o crime, a violência ou a miséria. A série cidade dos homens, transmitida pela rede globo de televisão é um exemplo dessa iniciativa.

Desenvolvida pela ONG nós no cinema, a série tenta mostrar o lado mais humano e real do morador da periferia, sem os estigmas já conhecidos. Uma visão mais clara do cotidiano desses indivíduos. A iniciativa ainda é pioneira, mas já representa um avanço muito importante dentro do cenário midiático nacional. Uma visão que será difícil de desconstruir, até porque apesar dos estigmas, os problemas sociais existem, mas a re-humanização desses locais é necessária, e talvez, ocupar a mídia seja um primeiro passo.

Referências

- Bourdieu, Pierre. (1997). Efeitos de Lugar. In *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 159-166.
- Caetano da Silva, José Luis. (2007). Entre fantasmas burgueses e ilusões empiristas. In *Do macaco ao alemão, sobrevivência e dominação. o cotidiano de favelização do subúrbio carioca*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB.
- Caetano da Silva, José Luis. (2008). Entre fantasmas burgueses e ilusões empiristas. *Favelização*, Vitória da Conquista. Disponível em [www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=5838]. Acessado em 17 de maio de 2013.
- Caetano da Silva, José Luis. (2008). Quando os paralelos se cruzam: o Estado e o narcotráfico. *Favelização*, Vitória da Conquista.
- Castro, Clara Alencar. (2010). *Criminalização da pobreza: Mídia e propagação de uma ideologia higienista de proteção social aos pobres*. UnB, Brasília.
- Certeau, Michel de. (1994). A “Douta ignorância”: Bourdieu. In *A invenção do cotidiano: Artes do fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 3ed. 117-129.
- Chalhoub, Sidney. (1996). Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia da Letras.
- Champagne, Patrick. (1997). A Visão Mediática. In: Pierre Bourdieu (org.). *A miséria do Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 63-79.
- Coimbra, Cecília Maria B. (2006). *Direitos Humanos e Criminalização da Pobreza*. I Seminário Internacional de Direitos Humanos Violência e Pobreza: A situação de Crianças e adolescentes na America Latina Hoje. Rio de Janeiro.
- Dantas, Lucas E. (2012). Criminalização da pobreza em Vitória da Conquista: O que a mídia retrata e o que realmente acontece nos bairros periféricos Conquistenses. *XIV Congressos de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Recife, PE.
- Goés, José Cristian. (2013). Jornalismo Sensacionalista: A construção de uma esfera pública limitada. *V Congresso Compolitica*. Curitiba.
- Goffman, Erving. (1985). Representações. In *A Representação do Eu Cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 25-75.
- Guimarães, A. P. (1953). As favelas do Distrito Federal. *Revista brasileira de estatística*, Rio de Janeiro, 14(55), 250-278, jul./set.
- Kotler, Philip. (1994). *Marketing Público: Como atrair investimentos, empresas e turismo para cidades, regiões, estados e países*. São Paulo, Makron Books.
- Misse, Michel. (1993). *Crime e pobreza: Velhos enfoques, novos problemas. Brasil em perspectiva: os anos 90*. Rio de Janeiro.
- Misse, Michel. (1995). Cinco Teses Equivocadas sobre a Criminalidade no Brasil. Uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para um agenda de pesquisas. *Seminário “Violência ou Participação Social no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro.
- Naves, Nilson. (2003). Imprensa Investigativa: Sensacionalismo e Criminalidade. In: R. CEJ, *Brasília*, 20, 6-8, jan./mar.
- Pedroso, Rosa N. (1972). *A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da Sociologia do conhecimento*. São Paulo, Cultrix.
- Preteceille, Edmonde Valladares, Licia. (1999). A desigualdade entre os pobres-favela, favelas. *Seminário “Impactos Metropolitanos da Reestruturação: Desigualdades Sociais e Governança Urbana*. Teresópolis.
- Ramos, Silvia e Paiva, Anabela. (2007). Fama de mau: Bandidos na Imprensa. In *Mídia e Violência: Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e Segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 57-76.
- Ramos, Silvia e Paiva, Anabela. (2007). Cenários de violência: Estereótipos na cobertura de favelas e periferias. In *Mídia e Violência: Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e Segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 77-98.
- Rocha, Simone Maria. (2006). Debate público e identidades coletivas: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira. In *Inexto. Porto Alegre: UFRGS*, 1(14), 1-21, Janeiro/junho.